

O Legado do Ano Santo: Uma reflexão sobre a virtude teologal da esperança¹

*The Legacy of the Holy Year:
A Reflection on the Theological Virtue of Hope*

DOUGLAS ALVES FONTES*

Resumo: Após a conclusão do Ano Santo ordinário (2024-2025), o presente artigo busca apresentar o legado deste tempo de graça para toda a Igreja. A reflexão tem como eixo central a virtude teologal da esperança. Em um primeiro momento, refletiremos sobre a esperança dentro do contexto bíblico, visitando suas raízes bíblicas no AT e no NT. Em seguida, fazemos um percurso histórico sobre o tema da esperança, percorrendo a patrística e a teologia tomista. Depois, visitamos a reflexão de Bento XVI, na *Spe Salvi*, e a do Cardeal Cantalamessa na sua última obra sobre as virtudes teologais. Concluimos nosso percurso, colhendo as luzes oferecidas por Francisco e Leão XIV durante o Ano Santo, oferecendo, por fim, um Decálogo do Ano Jubilar, que sirva como legado e motivação para a vivência continuada do que celebramos.

Palavras-chave: Esperança. Jubileu. Ano Santo. Virtude Teologal.

Abstract: Following the conclusion of the Ordinary Holy Year (2024–2025), this article seeks to present the legacy of this time of grace for the entire Church. The reflection centers on the theological virtue of hope. First, we will reflect on hope within the biblical context, exploring its biblical roots in the Old and New Testaments. Next, we will take a historical journey

¹ Este artigo está baseado na conferência “Realistas Esperançosos – A virtude teologal da Esperança”, apresentada na Semana Teológica da UniCatólica de Mossoró, em novembro de 2025.

* Douglas Alves Fontes é mestre e doutor em teologia pela PUC-Rio, pós-graduado em Neurociências e Comportamento pela PUCRS. Atualmente, é vigário episcopal do Vicariato São Gonçalo da Arquidiocese de Niterói, pároco da Paróquia S. Gonçalo de Amarante e Administrador Paroquial da Paróquia S. José, em S. Gonçalo. Na CNBB, colabora com a Comissão para Doutrina da fé, com o INAPAZ e a Comissão de Animação para o Sínodo.

through the theme of hope, covering patristic theology and Thomistic theology. Then, we will examine the reflections of Benedict XVI in *Spe Salvi* and those of Cardinal Cantalamessa in his latest work on the theological virtues. We conclude our journey by drawing on the insights offered by Francis and Leo XIV during the Holy Year, finally presenting a Decalogue of the Jubilee Year, which serves as a legacy and motivation for the continued living out of what we have celebrated.

Keywords: Hope. Jubilee. Holy Year. Theological Virtue.

Introdução

Em um mundo agitado, marcado por tantas guerras, dores, tribulações, fixo no aqui e no agora, parece quase impossível falar de esperança. Contudo, é o que nos propomos a fazer, aqui e agora, resgatando as noções bíblica e teológica da virtude teológica da esperança, desejosos de que esta virtude, que marcou o ano santo recém-encerrado, permaneça viva e atuante em nossas vidas.

Queremos iniciar este percurso de reflexão, recordando o grande Ariano Suassuna quando, em uma entrevista, definiu-se como um “realista esperançoso”. Perguntaram-lhe se ele se considerava um otimista e sua resposta foi: “não sou. Considero os otimistas ingênuos. E os pessimistas amargos. Então, eu me considero um realista esperançoso”.² O grande pensador do nordeste brasileiro continuava afirmando que se considerava meio fraco na fé e na caridade. Logo, o que lhe restava era a esperança: “eu me considero um homem da esperança. E eu acho que entre a indignação e a resignação, a gente conta com a esperança para lutar sempre”.

As lúcidas palavras do grande escritor paraibano colocam-nos naquilo que podemos chamar o “lugar de fala” do seguidor de Jesus Cristo: alguém que não fecha os olhos para a realidade, mas não a contempla, nem com a ingenuidade dos otimistas, nem com a amargura dos pessimistas, mas com a esperança de quem sempre poderá crer no amanhã, confiante no seu Deus, com que faz história.

O Deus das Promessas - Perspectiva bíblica

A história do Povo de Deus é marcada por uma promessa de um Deus que convida o seu povo a sempre esperar. Ele é, de fato, um Deus de promessas, que

² <https://www.youtube.com/shorts/7ztq9Rw-1Qg>

faz com que o Seu povo não possa segui-LO, se não for se deixando conduzir pela esperança, a qual tem como objeto o próprio Deus e tudo aquilo que Ele mesmo promete. Obviamente, que se trata de uma esperança para o aqui e agora, mas, sobretudo, para o futuro.

No AT, a esperança é expressa por três verbos em hebraico (QAWAH; YAHAL e BATAH) que significam “esperar” e estão ligados ao substantivo “esperança” (miqwah; tiqwah; tōhlet e seber). “Os verbos indicados também podem ser traduzidos por ‘ansiar por’, ‘esticar-se em direção a’, ‘aguardar com paciência’ ou também ‘confiar’ ou ‘ter segurança’, que são praticamente sinônimos” (Silvano, 2025, p. 8). Em grego, eles ficaram como *elpizo*, *elpis*, *pepoitha*, *hypomeno*... E, em latim, *spero*, *spes*, *confido*, *sustineo*, *exspecto*.

Os relatos da origem nos colocam diante de uma promessa divina para a humanidade pecadora (Gn 3,15; 9, 1-17), testemunhando, claramente, que Deus, jamais, deixou Sua criação sem esperança. Com Abraão, inicia-se, com mais ênfase, a história da esperança: Deus lhe promete uma terra e uma numerosa descendência (Gn 12,1). Ao longo dos séculos, Israel vai esperar sempre em algo parecido (Ex 3, 8.17; 23, 27-33; Lv 26, 3-13; Gn 49). (Léon-Dufour, 1987, p. 289).

Todos os bens prometidos não fazem com que a religião do povo de Israel seja uma religião do “aqui e agora”, mas são bênçãos e dons (Gn 39, 5; 13,15; 24,7; 28,13). Deus revela-se fiel à promessa e à aliança oferecidas ao Seu povo (Ex 23,25; Dt 28,2). Esses bens não são maiores e mais importantes do que a fidelidade ao Deus que ofertou os bens ao povo. Abraão é a prova viva desse processo (Gn 22). No fundo, todo esse caminho apontava para uma esperança melhor (Hb 7,19) (Léon-Dufour, 1987, p. 289).

Deus torna-se a grande esperança de Israel e das nações. Os profetas fizeram esse caminho de purificação e de abertura das perspectivas do povo. O futuro feliz era um dom da Aliança com Deus (Os 2, 10; Ez 16,15ss), mas não poderia ser garantido, como os outros povos tentavam. Por isso, os profetas vão denunciar essa esperança ilusória (Jr 8, 15; 13, 16). É a fidelidade que permite esperar a salvação, que é obra de Deus (Os 12, 7) (Léon-Dufour, 1987, p. 289).

Contudo, essa esperança parece, em muitas ocasiões, destruída (Ex 37,11), ou, na linguagem dos profetas, está escondida (Is 9,16), mas não vai desaparecer, porque um resto será salvo (Am 9, 8s). Existe um futuro cheio de esperança (Jr 29, 11). Nem a infidelidade de Israel deve lhe impedir de esperar, porque ele poderá crer no perdão de Deus (Os 11). A salvação pode tardar (Sf

3, 8), mas ela é certa, pois a verdadeira esperança de Israel é o Senhor (Jr 14, 8; 17,13s) (Léon-Dufour, 1987, p. 289-290).

Uma nova esperança é proclamada pelos profetas com o anúncio de paz, salvação, luz, cura e redenção (Jr 31, 14; Os 2, 23s). Um novo tempo é anunciado, marcado pela conversão das nações (Is 2, 3; Jr 3, 17), pelo culto perfeito (Zc 14; Ez 40-48). O auge deste culto será contemplar o Senhor e habitar com Ele (Sl 63; 84). No fundo, para os profetas, a esperança de Israel e das nações é o próprio Deus (Is 51, 5; 60, 19s; 63, 19) e o Seu reino (Sl 96-99). Não obstante, “a felicidade esperada para o futuro continua ainda situada sobre a terra... (Ez 18), permanece coletiva, enquanto a fidelidade de que depende a sua vinda é individual” (Léon-Dufour, 1987, p. 290).

Entre os piedosos e os sábios, a esperança do AT irá fazer um progresso no contexto da fé na retribuição pessoal, fato que era contestado pelo sofrimento do justo. Jó, por exemplo, apesar dos pressentimentos (Jó 13, 15; 19, 25ss), teve sua esperança desembocada na noite (Jó 42, 1-6) (Léon-Dufour, 1987, p. 290).

Um novo tempo se inicia e a promessa se cumpre com a chegada da esperança. A esperança judaica do tempo de Jesus se diferenciava, de acordo com as correntes religiosas atuantes. “Ela aguardava um futuro ao mesmo tempo material e espiritual centrado em Deus e em Israel, temporal e eterno, coletivo e individual. A realização desse futuro em Jesus iria fazer com que a esperança se purificasse ainda mais” (Léon-Dufour, 1987, p. 291).

Jesus anuncia a chegada do Reino (Mt 4, 17), mas que é uma realidade espiritual e que só é alcançada pela fé. Para se chegar à esperança de Israel e à sua plena realização, é preciso renunciar a todo aspecto material, bem como assumir certas renúncias (Mt 16, 24ss). A esperança continua, mas orientada para a vida eterna (Mt 18, 8s), para a vinda gloriosa do Filho do Homem, que retribuirá a cada um, conforme sua conduta, como vemos no Evangelho (Mt 16, 26; 25, 31-46). “Enquanto aguarda esse dia, a Igreja, confortada pelas promessas (Mt 16, 18) e pela presença de Jesus (28, 20), tem que completar a realização da esperança dos profetas abrindo para as nações o Reino e a sua esperança (Mt 8, 11s; 28, 19)” (Léon-Dufour, 1987, p. 291).

No fundo, a esperança da Igreja é o próprio Jesus Cristo. O Espírito doado completa a realização das promessas (At 2, 33-39). Agora, a força da esperança está na espera do retorno de Jesus (At 1, 11; 3, 20). A parusia é anunciada e esperada, ao mesmo tempo, que se questiona sua demora. Por isso, a Igreja é chamada à vigilância (1Ts 5, 6; Ap 3,3) e com uma paciência inquebrantável

nas provações e sofrimentos (Tg 5, 7ss; 1 Ts 1,4s; 1Pd 1, 5ss) (Léon-Dufour, 1987, p. 291).

A esperança da Igreja é alegre (Rm 12, 12), mesmo nos sofrimentos (1Pd 4, 13), pois a glória esperada é muito grande (2Cor 4, 17), convidando-nos à sobriedade (1Ts 5,8; 1Pd 4,7) e ao desapego (1Cor 7, 29ss). A esperança suscita, enfim, a oração e o amor fraterno (1Pd 4, 7s; Tg 5, 6ss). Ancorada no mundo futuro, ela anima toda a vida cristã (Léon-Dufour, 1987, p. 291-292).

Paulo, participante da esperança da Igreja, contribui para o tesouro comum com elementos de grande valor. Para ele, claramente, a esperança refere-se, por exemplo, à redenção de nosso corpo (Rm 8, 23), como transformação dos vivos (1Cor 15, 51) e ressurreição dos mortos. Para ele, não crer nesta ressurreição é estar sem esperança (1Ts 4, 13; 1Cor 15,19; Ef 2, 12). O cristão é chamado a esperar para tomar parte na herança prometida (Cl 3, 24). Como Abraão, ele deve esperar contra toda esperança, em razão da sua fé nas promessas (Rm 4, 18-25) e da sua confiança na fidelidade de Deus (Léon-Dufour, 1987, p. 292).

Para o apóstolo dos gentios, o cumprimento das promessas em Jesus tem um papel fundamental (2Cor 1, 20). No fundo, a glória esperada é uma realização atual (2Cor 3, 18-4, 6), embora invisível (2Cor 4, 18; Rm 8, 24s). “Esse cumprimento em Cristo da esperança de Israel é a revelação plena do motivo da esperança cristã: um amor tal que coisa alguma nem pessoa alguma pode dele separar o cristão (Rm 8, 31-39)” (Léon-Dufour, 1987, p. 292).

A esperança pessoal de Paulo é, enfim, um admirável exemplo. Expandese em sua alma com extrema intensidade. Geme por não estar ainda preenchida (2Cor 5,4s; Rm 8,23) e exulta com o pensamento do futuro que ela aguarda (1Cor 15,54ss). À sua luz, as esperanças humanas mais legítimas perdem todo o valor (Fl 3,8). Apoiando-se tão somente na graça de Deus, e não nas obras (1Cor 4,4; 15,10; Rm 3,27), ela anima, contudo, com seu dinamismo, a carreira (correr) (Fl 3,13ss) e o combate (2Tm 4,7) que Paulo sustenta para cumprir a sua missão, embora evitando ser “ele próprio desqualificado” (1Cor 9,26s). A graça, então, suscita, mas, “no Senhor”, novas esperanças (Fl 2,19; 2Cor 1,9s; 4,7-18). Quando a sua morte parece próxima, Paulo espera o prêmio (Fl 3,14) que coroará a sua carreira (2Tm 4,6ss; cf. 1Cor 3,8). Mas ele sabe que a sua recompensa é o próprio Cristo (Fl 3,8). A sua esperança é, inicialmente, estar com Ele (Fl 1, 23; 2Cor 5, 8). O apóstolo já não está na expectativa da sua felicidade pessoal, mas, pura e simplesmente, na de alguém que ele ama (Léon-Dufour, 1987, p. 292-293).

Por fim, o apóstolo do amor traz uma esperança que não é outra coisa senão a espera do retorno do Senhor (Jo 14, 3; 1Jo 2, 18), da ressurreição e do julgamento (Jo 5, 28s; 6, 39s). O crente repousa sua esperança na posse da vida eterna já ofertada (Jo 3, 15; 6, 54; 1Jo 5, 11ss). No fundo, o cristão passará para uma realidade que já existe (Jo 3, 2).

No apocalipse as perspectivas são profundamente diferentes. O Cordeiro ressuscitado, circundado de cristãos (Ap 5,11-14; 14,1-5; 15,2ss), já triunfa no céu donde virá a Igreja sua Esposa (21,2). Mas essa esposa está ao mesmo tempo na terra (22,17) onde se desenrola o drama da esperança cristã às voltas com a história. Os triunfos aparentes das potências satânicas trazem o perigo de cansar essa esperança. Na realidade, o Verbo invencível combate e reina ao lado dos seus (19,11-16; 20,1-6), e a vitória decisiva está próxima (cf. 1,1; 2,5; 3,11; 22,6.12). A esperança dos cristãos deve, portanto, triunfar até à vinda do "universo novo" que realizará enfim plenamente e definitivamente as profecias do AT (Ap 21-22). No fim do livro, o Esposo promete: "Minha volta está próxima". E a Esposa lhe responde: "Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22, 20). Esse chamado retoma uma prece aramaica da Igreja dos primeiros dias: "Marana tha!" (cf. 1Cor 16, 22). A esperança cristã não encontra jamais melhor expressão, pois ela no fundo não é senão o desejo ardente dum amor que tem fome da presença do seu Senhor (Léon-Dufour, 1987, p. 293).

Perspectiva patrística

O primeiro tratado sobre o tema da esperança foi de Zenão de Verona (século IV), intitulado *De spe fide et caritate* (PL 11, 269-280). S. Ambrósio, também, abordou o tema (*In Ps. 118 sermo tertius*, PL 15, 1223-1240) e Agostinho, no século V, escreveu um manual sobre a piedade cristã (*Enchiridion de fide, spe et caritate*, PL 40, 230-290). Segundo Dom Vital Corbellini,

A esperança foi um dos temas fundamentais dos santos padres, os primeiros autores cristãos. Eles a percebiam como doutrina bíblica, sobretudo presente no Apóstolo Paulo (Rm 12,12). Os padres da Igreja desenvolveram o tema da esperança segundo exigências pastorais e espirituais devido aos confrontos do cristianismo com a cultura antiga... Havia a explicitação de que era preciso aprofundar a esperança cristã da vida além da morte, a ressurreição da carne, ponto afirmado por autores como Tertuliano e Orígenes diante do confronto às vezes negado pelo paganismo, em relação à vida além da morte (Corbellini, 2024).

Comentando a cena da tempestade acalmada (Jo 6, 16-20), Agostinho recorda que o Senhor Jesus caminha sobre o mar, garantindo Sua presença, dando a possibilidade de acreditar em um mundo melhor. Ele é a esperança que caminha sobre o mar revolto e garante Sua presença em nosso meio. Assim, oferece a esperança de uma vida melhor (cf. Mt 14,27) (Agostinho, Cionmento al Vangelo di San Giovanni 25,6-7).

Dom Vital recorda que, na obra *Cidade de Deus*, o bispo de Hipona afirma

que a família que confia em Deus, possui a esperança nos bens eternos e não naqueles que passam, pois são caducos. É claro que a família enquanto peregrina neste mundo, usa dos bens terrenos, sabendo que estes passam e é preciso que a comunidade, a Igreja, não se torne escrava dos mesmos, de modo que ela se utiliza deles, como instrumento da graça e nunca como fim (Corbellini, 2024; Cfr. Agostino. La Città di Dio, 1,29).

Comentando a Carta aos Romanos, S. João Crisóstomo enfatiza que “a esperança das realidades futuras deve superar aquelas que passam, porque a glória de Deus é o seu resultado, não por obra humana, mas pela graça de Deus que age na pessoa humana” (Corbellini, 2024).

Para o bispo de Constantinopla, “a esperança é reforçada pelas tribulações que as pessoas passam neste mundo devido à vida futura. São Paulo foi bem objetivo na afirmação que a esperança não decepçiona (Rm 5,5), porque ela aponta para o futuro em vista das realidades eternas” (Corbellini, 2024).

Dom Vital, comentando o pensamento do grande bispo chamado “Boca de Ouro”, recorda algo de suma importância para os dias atuais:

as pessoas que não vivem bem caem no desespero em vista do futuro, temendo o juízo, enquanto as pessoas que levam uma vida honesta, com muito amor ao próximo e a Deus, não têm medo porque estão em comunhão com o Senhor e com as pessoas. Elas possuem uma grande esperança que não decepçiona das verdades futuras. As pessoas passarão pela morte, mas carrega-se a esperança da ressurreição e nada haverá que faça confundir as pessoas que acreditem no Senhor, porque elas não abraçaram uma esperança transitória, mas sim a eterna (Corbellini, 2024).

Por fim, lembra o grande pregador de Constantinopla “que a esperança vem por graça do Espírito Santo. Ele fez de cada um de nós, filhos e filhas de Deus, irmãos em Cristo, por graça do Espírito Santo” (Corbellini, 2024).

Perspectiva medieval - Entre a presunção e o desespero

Para Tomás de Aquino (I-II, q. 63, a. 1), a ordem da esperança é a do teologal: “como a fé e a caridade, a esperança é, portanto, *totaliter ab extrinseco*” (Lacoste, 2004, p. 645). Segundo o doutor angélico, existe, como no crer e no amar, uma experiência natural do esperar, fruto de uma capacidade natural. Para ele, existe uma relação virtuosa do homem com o futuro, identificando a magnanimidade como o meio entre dois vícios: a presunção e o desespero.

Na II-II, Tomás de Aquino dedica 6 questões à virtude teologal da esperança (q. 17-22)³. Recordando S. Gregório, Tomás afirma que a esperança é uma virtude. Esta se refere a Deus, em cujo auxílio confiamos (q. 17, a. 1). O objeto próprio da esperança é a bem-aventurança eterna, que nos leva a penetrar o céu, na felicidade eterna (q. 17, a. 2). A esperança possui dois objetos: “o bem que ela quer obter e o auxílio que permite obter esse bem” (q. 17, a.4).

Para Tomás (q. 17, a. 6), a virtude da esperança é, de fato, virtude teologal, porque seu principal objeto é Deus. Aqui, vale recordar que o doutor angélico não a define como teologal, como costumamos afirmar, pelo fato de a virtude ser infundida por Deus, mas porque O tem como objeto principal.

Recordando o evangelho de Mateus, através de uma exegese alegórica, Tomás afirma que, como Abraão gerou Isaac, assim, a fé gerou a esperança. Esta é precedida pela fé. Para ele, “o objeto da esperança é o bem futuro difícil, mas possível de ser adquirido. Portanto, para que alguém espere é preciso que o objeto da esperança lhe seja proposto como possível” (q. 17, a. 7). Tomás encerra a questão 17, enfatizando que a esperança precede à caridade.

Na questão 18, Tomás trata do sujeito da esperança, enfatizando que a esperança está na vontade como em seu sujeito, não na memória ou na inteligência (q. 18, a. 1). Segundo ele, nem os bem-aventurados, nem os condenados têm esperança (q. 18, a. 2 e 3). A esperança de quem caminha nesta vida goza da certeza (q. 18, a. 4).

Como fruto da esperança, S. Tomás desenvolve o tema do Dom do Temor na questão 19, como dom correspondente à virtude teologal da esperança. Por fim, nas questões 20 e 21, encontramos a reflexão sobre os vícios opostos: desespero e presunção. Vale ressaltar que, para Tomás, o desespero, como vício nascido da acídia (q. 20, a. 4) é o mais grave dos pecados e é incurável (q. 20,

³ As próximas citações da Suma serão da II-II. Por isso, só mencionaremos as questões e os artigos.

a. 3). Tanto um vício como o outro se opõem ao próprio Deus. Sua reflexão se conclui com os preceitos relativos à esperança e ao temor (q. 22, a. 1 e 2).

Perspectiva atual

Em 30/11/2007, depois de ter tratado da virtude da caridade, na sua primeira encíclica de 2005 (*Deus Caritas est*), seguindo a ordem inversa da que estamos acostumados, o Papa Bento XVI publicou a Carta Encíclica *Spe Salvi*⁴, desenvolvendo o tema da virtude da esperança. Com a Carta Apostólica *Porta Fidei* (2011), proclamando o Ano da Fé (2012-2013), encerrou a tríade das virtudes teologais.

Recordando 1Pd 3, 15, Bento XVI destaca que a fé é esperança. Para ele, “quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova” (SS 2). Citando S. Bakita, recorda que a esperança, também, é redenção: “a esperança, que nascera para ela e a ‘redimira’, não podia guardá-la para si; esta esperança devia chegar a muitos, chegar a todos” (SS 3).

Bento XVI, refletindo sobre a Carta aos Hebreus, relembra que “o fato deste futuro existir, muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se naquelas presentes e as presentes nas futuras” (SS 7). A esperança cristã nos garante a vida eterna e nos insere nela. Além disso, ela nunca será uma esperança individualista.

A verdadeira fisionomia da esperança cristã nos recorda que “não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor... Quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de ‘redenção’ que dá um sentido novo à sua vida” (SS 26).

Neste sentido, é verdade que quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo, está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. Ef 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste, apesar de todas as decepções, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. Jo 13,1 e 19,30) (SS 27).

Bento XVI destaca “precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar todo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus...” (SS 31).

⁴ Como costumamos fazer nos documentos do Magistério, citaremos o texto com a sigla SS.

Por fim, o pontífice alemão descreve os “lugares” de aprendizagem e de exercício da esperança: I. A oração como escola da esperança; II. Agir e sofrer como lugares de aprendizagem da esperança; III. O Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança.

Recordando Maria, como estrela da esperança, Bento XVII destaca:

A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoadas e tempestuosas, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança? (SS 49).

Em 2024, no Brasil, fomos apresentados com uma obra atualíssima sobre a esperança: *Fé, esperança e caridade. Itinerário rumo a Deus para o mundo atual* do Cardeal Raniero Cantalamessa. Segundo ele, poderíamos chamar as três virtudes, por ser mais apropriado e mais de acordo a Bíblia, de “graças” e por não se tratar de uma noção filosófica. Além disso, coloca sua ênfase no dom de Deus e não no esforço humano (Cantalamessa, 2024, p. 5).

Para o cardeal, o mais importante não é saber o que são as virtudes teológicas, mas praticá-las! “As virtudes teológicas, assim como a Escritura, são conhecidas ao serem colocadas em prática” (Cantalamessa, 2024, p. 6).

Cantalamessa recorda um fato surpreendente e questionador: a palavra “esperança” está ausente da pregação de Jesus. Isso se dá porque, primeiramente, Cristo devia morrer e ressuscitar. Pedro recorda que, da ressurreição, renasce uma esperança viva (1Pd 1, 3s) (Cantalamessa, 2024, p. 77).

Da mesma maneira que distinguimos entre uma fé crida e uma fé crente, podemos distinguir entre uma esperança esperada e uma esperança esperante, ou seja, uma esperança subjetiva, que indica o ato de esperar e uma esperança objetiva, que indica a coisa esperada (Cantalamessa, 2024, p. 77).

Recordando uma questão repetida por S. Bernardo e S. Inácio de Loyola (O que é isto diante da eternidade?), o cardeal destaca que “deveria ser possível perceber que a fé na vida eterna muda algo na nossa vida, nós que acreditamos: em nossas palavras e em nosso próprio olhar” (Cantalamessa, 2024, p. 87).

Cantalamessa, na originalidade da sua reflexão, apresenta um Deus que, também, espera! Tanto a narrativa da ovelha perdida como a do filho pródigo colocam-nos diante de um Deus que nos espera. O medo de nos perder faz Deus nos esperar. Por isso, o autor confirma sua tese citando Péguy: “Cada conversão do ser humano é o coroar de uma esperança em Deus” (Cantalamessa, 2024, p. 95).

Perspectiva jubilar - O Ano da Esperança

Em 11/02/2022, fazendo memória do que estávamos vivendo no mundo inteiro, o querido e saudoso Papa Francisco, escrevendo para Dom Rino Fisichella, fazia um convite:

manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente. O próximo Jubileu poderá favorecer imensamente a recomposição dum clima de esperança e confiança, como sinal dum renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência. Por isso escolhi o lema Peregrinos de esperança (Francisco, 2022).

Com isso, o sucessor de Pedro nos convidava a preparar e celebrar o Ano Santo com fé intensa, esperança viva e caridade operosa.

Na Bula de Proclamação do Jubileu (09/05/2024), o Papa Francisco resgata a palavra do Apóstolo Paulo que nos mostra a raiz teológica da esperança (Rm 5, 5): “a esperança não engana”. Para o Papa, a esperança seria a mensagem central do Jubileu, fazendo de nós verdadeiros “Peregrinos de esperança”, convidados a reanimar a chama da esperança em nós.

Francisco destacava que a Igreja é chamada a anunciar, ao mundo, uma Palavra de Esperança, enraizada na Páscoa de Jesus (Francisco, 2024, n. 2). Para isso, precisamos tomar consciência de que a vida cristã é um caminho, no qual precisamos de momentos para nutrir e reabastecer a esperança, particularmente, através do encontro com o Senhor (Francisco, 2024, n. 5).

Em um mundo marcado pelo aqui e agora, Francisco enfatizava que precisamos crescer na virtude próxima à esperança, que é a paciência:

Habituo-nos a querer tudo e agora, num mundo onde a pressa se tornou uma constante. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as próprias famílias sentem dificuldade para se reunir e falar calmamente. A paciência foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas... (Francisco, 2024, n. 5).

Nesta peregrinação, fomos convidados a redescobrir os sinais de esperança presentes no mundo, mas, também, levar sinais de esperança a tantos irmãos, especialmente os presos, migrantes, jovens, idosos, enfermos e pobres.

Como fruto deste caminho, o Papa nos fazia alguns apelos em favor da esperança: partilhar os bens da terra; perdão das dívidas; empenho ecumênico; data da Páscoa.

Por fim, lançando-nos para a esperança que não conhece ocaso, a que está por vir, o Papa Francisco nos lembrava que estamos e somos chamados a viver ancorados na esperança, que nos leva a professar a fé na vida eterna e a esperar o juízo de Deus, que virá, com esperança. “Portanto, o próximo Jubileu há de ser um Ano Santo caracterizado pela esperança que não conhece ocaso, a esperança em Deus... Deixemo-nos, desde já, atrair pela esperança, consentindo-lhe que, por nosso intermédio, se torne contagiosa para quantos a desejam” (Francisco, 2024, n. 25).

Como Peregrinos de Esperança, em 2025, fomos pegos de surpresa pela morte do Papa Francisco e a eleição do seu sucessor: o já querido Papa Leão XIV. Na vigília com os jovens, por ocasião do Jubileu, o Sucessor de Pedro recordava que o encontro com Jesus faz com que o medo dê “lugar à esperança, porque temos a certeza de que Deus leva a cabo tudo o que começa” (Leão XIV, Diálogo com os jovens, em 02/08/2025).

Em Jesus, “a nossa peregrinação na esperança encontrou o seu fundamento sólido, o seu caminho seguro”. O anseio do coração humano deve nos levar a esperar e reconhecer que o ter e o poder não poderão nos preencher. “Não significa pensar de modo otimista: muitas vezes o otimismo desilude-nos, vê implodir as nossas expectativas, enquanto a esperança promete e cumpre”. De fato, “da Ressurreição de Cristo brota a esperança que nos faz saborear, apesar do cansaço da vida, uma profunda e alegre quietude: aquela paz que só Ele nos poderá conceder no fim, sem fim” (Leão XIV, Audiência Geral de 15/10/2025).

Comentando o relato da paixão, Leão XIV destaca que

Jesus mostra que a esperança cristã não é evasão, mas decisão... Esta é a esperança da nossa fé: os nossos pecados e hesitações não impedem que Deus nos perdoe e nos restitua o desejo de retomar o nosso seguimento, para nos tornar capazes de oferecer a vida pelos outros... É nisto que consiste a verdadeira esperança: em saber que, até na obscuridade da provação, é o amor de Deus que nos sustenta, fazendo amadurecer em nós o fruto da vida eterna (Leão XIV, Audiência Geral de 27/08/2025).

Conduzindo-nos a uma profunda e impactante meditação sobre o Sábado Santo, Leão XIV descreve:

Contemplando a cena do Sepultado na terra, Jesus é o rosto manso de um Deus que não ocupa todo o espaço. É o Deus que deixa fazer, que espera, que se retira para nos deixar a liberdade. É o Deus que confia, até quando tudo parece acabado. E nós, naquele sábado suspenso, aprendemos que não devemos ter pressa em ressuscitar: primeiro é preciso permanecer, aceitar o silêncio, deixar-nos abraçar pelo limite. Às vezes, procuramos respostas rápidas, soluções imediatas. Mas Deus trabalha nas profundezas, no tempo lento da confiança. Assim, o sábado da sepultura torna-se o ventre do qual pode brotar a força de uma luz invencível, a da Páscoa! A esperança cristã não nasce no barulho, mas no silêncio de uma espera habitada pelo amor. Não é filha da euforia, mas do abandono confiante. É a Virgem Maria que no-lo ensina: ela encarna esta espera, esta confiança, esta esperança (Leão XIV, Audiência Geral de 17/09/2025).

Conclusão: O legado do Ano Santo - um Decálogo do Ano da Esperança⁵

Depois de concluir o Ano Santo Ordinário, aberto pelo saudoso Papa Francisco, somos convidados a fazer o possível, para que esta chama permaneça acesa em nossos corações, em nossas mentes e em nossas comunidades eclesiais. Mesmo que o Jubileu tenha sido concluído, não podemos deixar morrer o que vivenciamos ao longo deste tempo santo. Por isso, por fim, proponho uma síntese do que vivemos e somos chamados a viver daqui para frente. Partilho um Decálogo, fazendo votos de que ele nos ajude a experimentar o legado deste tempo forte da graça de Deus na nossa vida.

1. *Celebrar sempre a presença do Emanuel: lembrar sempre que Deus está conosco.* O Ano Santo, celebrado pela Igreja, a cada 25 anos, é a celebração da Encarnação do Verbo, dando-nos a consciência de que Ele está e sempre estará no meio de nós. Sua presença não pode ser esquecida ou ignorada por nós. Ao contrário, deve nos renovar sempre, iluminando nossas trevas com Sua luz fulgurante.

2. *Aprender a parar:* na Bula de Proclamação para o Ano Santo, o querido Papa Francisco nos ensinava a cultivar a virtude da paciência, no meio do mundo agitado do aqui e agora, mostrando-nos a importância de aprender a parar, como um hábito a ser cultivado, e do qual todos temos necessidade.

⁵ Esta última parte foi publicada no Jornal Niterói Católico da Arquidiocese de Niterói em Janeiro de 2026 (Ano 62/ N° 716).

3. *Reconhecer os sinais de esperança e de paz*: outro ensinamento do Papa Francisco foi cultivar a capacidade de reconhecer, em nosso contexto, tantos sinais de esperança e de paz, de modo a reavivar sempre nossa esperança, sendo capazes de encontrar sinais positivos no meio de tantas dores pessoais e comunitárias.

4. *Ser sinal de paz e esperança entre os que sofrem*: como sinal claro do serviço caritativo da Igreja, fomos e somos chamados a ser sinal de esperança para tantos irmãos sofredores, como os idosos, enfermos, jovens, migrantes, pobres... Para todos eles, precisamos oferecer nossa atenção, nosso cuidado como Igreja Samaritana, fazendo com que nossas inúmeras pastorais sociais sejam, de fato, expressão de uma Igreja que cuida.

5. *Experimentar e dar o perdão*: uma das marcas do Ano Jubilar foi o encontro com o perdão inesgotável de Deus, através da confissão e da indulgência. Contudo, o perdão recebido abundantemente por nós precisa converter nosso coração, de modo a nos tornarmos capazes de oferecer o perdão, recebido de Deus, a nós mesmos e aos outros.

6. *Renovar a fé na eternidade*: refletir sobre a Esperança, também, foi a oportunidade de reavivarmos a nossa fé na eternidade - cremos na vida eterna! É preciso lembrar, sempre, que somos eternos peregrinos rumo à Pátria Definitiva, onde o Senhor nos preparou um lugar e nos espera.

7. *Desejar o céu*: crer na vida eterna nos faz esperar e desejar o céu, para onde estamos caminhando. O céu não pode ser algo distante ou fora de cogitação para nós que cremos. Ele precisa ser a meta para nossa vida e o destino final de nossa jornada de fé.

8. *Valorizar o silêncio, o esforço e o essencial*: para a peregrinação, o Papa Francisco nos ensinou a investir em três valores de suma importância para toda peregrinação, mas não só. Para toda jornada humana, para nossa vida, faz-se necessário trabalhar, sempre mais, pelo silêncio, pelo esforço e pelo essencial. Na sociedade do ruído, do comodismo, do acidental e do supérfluo, somos chamados a um testemunho credível de homens e mulheres de fé.

9. *Passar sempre pelo Cristo, que é a porta*: peregrinar aos locais com a Porta Santa remete-nos a Jo 10, quando o próprio Jesus identifica-se com a porta pela qual seu rebanho deve passar. Passar pela Porta Santa é passar pelo Cristo e deixar que nossa vida seja sempre tocada e transformada pela Sua graça.

10. *Não perder a esperança*: por fim, mas não menos importante, o Ano Santo foi um clamor incessante, para não deixarmos apagar, nem diminuir a

chama da graça da Esperança, como virtude teologal dada por Deus, para que ela seja sempre uma chama que nos conduz nas estradas da vida, de modo a não fecharmos os olhos à realidade, tornando-nos verdadeiros realistas esperançosos, como ensinou Ariano Suassuna.

Bendigamos a Deus, porque, através da Mãe Igreja, permitiu-nos viver um tempo intenso da Sua Graça. Que à conclusão do Ano Santo, quando a Porta Santa é fechada, abramos nossos corações e nossas mentes, para deixarmos transbordar, em pensamentos, palavras e obras, tudo aquilo que tivemos a oportunidade de viver, como verdadeiros Peregrinos de Esperança, em mais um Jubileu Ordinário da Encarnação.

Concluimos esta reflexão com um poema de Péguy citado pelo Cardeal Cantalamessa:

*Jesus não nos deu palavras mortas
que devemos guardar em pequenas caixas
e preservar em azeite rançoso...
Ele nos deu palavras vivas para nutrir...
Palavras de vida só podem ser preservadas vivas...
Somos chamados a alimentar a palavra do Filho de Deus.
Pertence a nós, depende de nós
fazê-la ser escutada ao longo dos séculos,
fazê-la ressoar (Cantalamessa, 2024, p. 10).*

Referências

AQUINO, T. *Suma Teológica I-II*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

_____. *Suma Teológica II-II*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CANTALAMESSA, R. *Fé, esperança e caridade: Itinerário rumo a Deus para o mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2024, p. 5.

CORBELLINI, V. *Os padres da Igreja e a esperança*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-12/padres-igreja-esperanca-dom-vital-corbellini.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco ao Arcebispo Rino Fisichella pelo Jubileu 2025*. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2022/documents/20220211-fisichella-giubileo2025.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

_____. *Spes non confundit*: Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LACOSTE, J. (dir.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 645.

LEÃO XIV. *A entrega*: "Quem procurais?" (Jo 18,4). Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20250827-udienza-generale.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

_____. *A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje 1*: O Ressuscitado, fonte viva da esperança humana. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20251015-udienza-generale.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

_____. *A morte*: "Um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado" (João 19,40-41). Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20250917-udienza-generale.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

_____. *Jubileu dos jovens*. Festa e vigília de oração: diálogo do papa Leão XIV com os jovens. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/august/documents/20250802-veglia-tor-vergata.html>>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LÉON-DUFOUR, X. (dir.). *Vocabulário de Teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SILVANO, Z. A. *A esperança na Sagrada Escritura*: meditações e encontros. São Paulo: Paulinas, 2025.

Artigo recebido em 25/02/2026 e aprovado para publicação em 16/03/2026

Como citar:

FONTES, Douglas Alves. O Legado do Ano Santo. Uma reflexão sobre a virtude teologal da esperança. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 73-88, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-5>.